

Livro didático na Linguística Aplicada: seu papel na formação de professores dentro do ensino de línguas estrangeiras no Brasil

Textbook in Applied Linguistics: its role in teacher training within the teaching of foreign languages in Brazil

Paula Togo Mazzei¹
Universidade de Brasília
paulatogomzz@outlook.com

RESUMO: Neste artigo pretendo levantar novas reflexões, possibilitando assim uma discussão sobre a presença do livro didático na formação de professores dentro de um contexto de ensino de línguas estrangeiras no Brasil. Com o intuito de alcançar isso, através de revisão bibliográfica, trago questões relevantes ao refletir sobre o conceito de livro didático (PESSOA, 2009), visto como um exemplo de material didático, e o seu papel em sala de aula (TILIO, 2010). De maneira breve, primeiramente abordo sobre a história do livro didático no contexto brasileiro, para em seguida debater o tema com um olhar crítico teórico procurando trazer diferentes definições do objeto em foco (DIONÍSIO; MUNAKATA; RAZZINI, 2001). Apresento ideias das quais apoio e abro espaço para discussão, finalizando este trabalho com a conclusão de que os livros didáticos têm potencial de ser um material, mais que uma ferramenta ou manual, que irá ajudar tanto professores quanto alunos na sua jornada de aprendizagem. O objetivo aqui presente consiste em instigar o leitor a examinar criticamente sobre esse assunto, talvez até mesmo revendo as suas próprias experiências durante a sua jornada acadêmica, ao reconhecer que o livro didático nos revela uma perspectiva sobre o ensino, assim como suas finalidades educativas e sua função social.

PALAVRAS-CHAVE: livro didático; formação docente; ensino de línguas estrangeiras.

ABSTRACT: In this article I intend to raise new reflections, thus enabling a discussion on the presence of textbooks in teacher education within the context of teaching foreign languages in Brazil. In order to achieve this, through literature review, I bring relevant questions when reflecting on the concept of textbook (PESSOA, 2009), seen as an example of didactic material, and its role in the classroom (TILIO, 2010). Briefly, I first approach the history of textbooks in the Brazilian context, and then discuss the topic with a critical theoretical view, seeking to bring different definitions of the object into focus (MUNAKATA, 2002). I present

¹ Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília.

Data da Submissão: 04/07/2022. Data da Aceitação: 02/02/2023.

ideas that I support and open space for discussion, ending this work with the conclusion that textbooks have the potential to be a material, more than a tool or manual, that will help both teachers and students in their learning journey. The objective here is to instigate the reader to critically examine this subject, perhaps even reviewing their own experiences during their academic journey, recognizing that the textbook reveals a perspective on teaching, as well as its educational purposes and its social function within our society.

KEYWORDS: textbook; teacher training; teaching foreign languages.

INTRODUÇÃO

Os livros didáticos podem facilmente se caracterizarem como grandes aliados dos professores e também servirem de grande auxílio para os estudantes durante o seu aprendizado se dado o devido cuidado em seu uso, principalmente por parte dos docentes ao não se apegar a este material didático como única ferramenta a ser utilizada na exposição dos tópicos a serem abordados em sala de aula com os seus alunos.

No Brasil, existe um consenso ao reconhecer que são poucos os ambientes educacionais em que não se adota um livro didático. De acordo com Rosane Rocha Pessoa (2009), a importância dos livros didáticos no Brasil se deve principalmente pela situação precária educacional, o que acaba por fazer com que os livros didáticos determinem conteúdos e condicionem estratégias de ensino, assinalando de maneira definitiva o que se deve ensinar e como ensinar os assuntos abordados.

Menezes (2009 *apud* POTOCKY; VILAÇA, 2012) informa que até o final do século XVIII era comum observar em uma mesma classe de estudantes o uso de diferentes livros didáticos, provavelmente devido à escassez da disponibilidade dos livros, os quais acabavam por se tornar propriedade do professor. A autora também menciona que as gramáticas foram os primeiros livros didáticos.

Trazendo uma ambiguidade desde o seu surgimento, com relação ao seu público-alvo, o livro didático acabou passando por uma série de mudanças com o decorrer do tempo, sem dúvida sendo influenciado pelas transformações e o surgimento de novos métodos ou abordagens do ensino e aprendizagem. Uma dessas mudanças que vale a pena sublinhar foi o momento em que a figura central do processo de ensino e aprendizagem passou a ser o aluno e não mais o professor. Afinal, passou-se a reconhecer que o estudante era muito mais do que uma “tábua rasa”, em outras palavras, alguém que já possui conhecimentos próprios, adquiridos no decorrer da sua vida e que podem ser de imenso proveito tanto para os seus

colegas quanto para o seu professor. O papel do docente também foi alterado, sendo que ele passou de detentor único do conhecimento para aquele que orientaria e ajudaria os seus alunos a alcançar o seu potencial intelectual.

A partir da segunda metade do século XIX, ficou claro que o livro didático não se caracterizava por ser um material de uso exclusivo do professor, para transcrever ou ditar, como é discutido por Bittencourt (2004). Com esta mudança de perspectiva, autores e editores reconheceram a necessidade de modificar o seu produto para atender às novas exigências, fazendo-o passar por transformações e aperfeiçoamento na sua linguagem. Ilustrações começaram a se tornar uma necessidade, da mesma maneira como se deu origem a novos gêneros didáticos, como os livros de leitura e os livros de lições.

O livro didático que antes era visto apenas como um material para divulgar informações e conhecimentos, passou a ser examinado com um olhar mais crítico, durante o século XX, como um recurso pedagógico que necessitava ser trabalhado com cuidado para não haver prejuízos no processo de ensino e aprendizagem. (POTOCKY; VILAÇA, 2012).

Diante de diversos desafios, principalmente no Brasil, os livros didáticos enfrentam questões que ainda são bastante debatidas nos dias de hoje, tais como: preço (os custos de se adquirir tal material/se o aluno tem ou não recurso suficiente para adquirir tal material), interesses políticos e sociais presentes nos temas apresentados nos livros didáticos, possibilidade de censura e o seu objetivo de trazer conhecimento às famílias escolares.

Inserido em um grande mercado editorial, existem vários pontos que podem ser analisados e avaliados sobre o livro didático, como por exemplo, a qualidade dos materiais e os direitos autorais. Não é suficiente ter o material didático nas salas de aula, vê-se como uma necessidade cuidar da sua qualidade, ou seja, a importância de procedimentos criteriosos de avaliação dos materiais.

Nos dias atuais, com os avanços e o uso rotineiro das tecnologias digitais criou-se um grande interesse por livros eletrônicos, que por sua vez trouxe algumas mudanças com relação aos materiais didáticos. De acordo com Potocky e Vilaça (2012), além da disponibilidade de materiais didáticos em formatos digitais, devem ser pesquisadas as possibilidades de livros digitais que investiguem recursos tecnológicos interativos, multimodais e multimídias.

É de conhecimento geral que o foco sobre o livro didático e o seu papel na construção da formação acadêmica do docente está longe de ser algo novo, contudo é incorreto supor que o debate sob sua importância como um instrumento de trabalho na educação já alcançou uma

conclusão definitiva ou foi deixado de lado por conta do surgimento de outros objetos de estudo mais pertinentes. Afinal ainda nos dias de hoje ele faz parte de diversas culturas, sem mencionar o fato de que até neste momento acompanha o desenvolvimento de milhões de jovens e adultos no mundo afora.

Adentrando o campo de ensino de línguas, nota-se que infelizmente ainda são poucos os trabalhos sobre livros didáticos, principalmente ao se referir à elaboração de tal material. Nos cursos de licenciatura, a utilização do livro didático no ensino de línguas estrangeiras é sem dúvida uma das práticas que mais chamam a atenção, especialmente a partir do momento em que questões e críticas sobre a possibilidade de limitação da ação do professor são levantadas. Alguns autores também acreditam que os livros didáticos podem comprometer as perspectivas de análise e compreensão do ensino, de suas finalidades educativas e de sua função social.

Ao compreender que o papel do livro didático não se limita apenas a um exemplo de material didático que leva a limitação e perda da autonomia por parte dos professores - ponto de vista compartilhado por alguns estudiosos da área da Linguística Aplicada - busca-se a seguir analisar tanto os pontos positivos quanto os negativos do uso do livro didático dentro de sala de aula. O objetivo principal deste trabalho, portanto, consiste em refletir criticamente, a partir de uma revisão bibliográfica, sobre o papel do livro didático na formação docente no ensino de línguas estrangeiras, a partir de observações gerais ou relatos/experiências de professores e estudiosos da área, identificando o livro didático como um objeto de estudo ainda transitando por distintos processos de análises e críticas por causa da sua relação com as perspectivas sobre o ensino e sua função social dentro da nossa sociedade.

Este artigo destina-se aos formadores de docentes e professores de língua estrangeira, assim como alunos universitários do curso de Letras na área de língua estrangeira que apresentam envolvimento com questões teórico-metodológicas de ensino e aprendizagem sobre livro didático de língua estrangeira.

O tema aqui proposto atraiu a minha atenção por me fazer refletir sobre as minhas próprias experiências com a presença do livro didático durante a minha graduação de licenciatura e principalmente durante a disciplina de estágio supervisionado, ao pela primeira vez estar atuando como uma docente responsável por uma turma de jovens ansiosos em aprender uma nova língua.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com a pretensão de explicar melhor o objeto de estudo aqui em foco, o livro didático será, a seguir, apresentado por diversas definições, a partir dos pensamentos de certos autores ao se trabalhar com um pertinente instrumento didático-pedagógico para professores da educação básica, de ensino superior, de cursos de idiomas e de ensino profissionalizante dentro do contexto da educação no Brasil. Esta exposição possibilitará compreendermos os motivos pelo qual este material específico recebe um olhar especial por parte dos intelectuais da Linguística Aplicada, principalmente sob o processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

O tema aqui selecionado também buscará fazer uma reflexão sobre os papéis desempenhados pelos livros didáticos de línguas estrangeiras no Brasil, discutindo seu enfoque, no intuito de melhor compreender o nosso papel como professores e a autonomia que temos na atualidade.

A importância da pesquisa sobre o livro didático no cenário nacional, segundo a professora Dra. Telma Gimenez (2012 *apud* ARAÚJO, 2012), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), ao escrever sobre suas características e uso potencial, ocorre no instante em que esse objeto de estudo se transforma a partir do conhecimento prático do professor em referências teóricas que se relacionam diretamente com os objetivos da aprendizagem da língua estrangeira. .

Igualmente ressaltando a relevância de estudos sobre os livros didáticos, a Dra. Maria José Coracini (1999 *apud* ARAÚJO, 2012) diz que na maior parte das vezes o único material de acesso ao conhecimento de alunos e professores é o livro didático, o qual também é utilizado para legitimar e servir como material de apoio para as aulas dos docentes.

Focando especificamente nos livros didáticos de língua estrangeira, Rogério Tilio (2010) justifica a temática do seu trabalho acadêmico ao mostrar que esses livros elaboram discursos, constroem identidades sociais e descrevem elementos culturais ao ensinar uma língua estrangeira, principalmente o inglês, a qual se trata de uma das línguas mais utilizadas no mundo globalizado.

Outro detalhe que vale a pena ser exposto, evidenciado por Coracini (1999 *apud* ARAÚJO, 2012), refere-se ao campo de estudos no âmbito da Linguística Aplicada, no qual constata-se que os estudos sobre material didático aumentaram a partir de 2011, pois mesmo

que os linguistas aplicados se preocupassem com o processo de ensino-aprendizagem de línguas e conseqüentemente a relevância do material didático nesse desenvolvimento, eles até então não tinham cedido um grande espaço em estudos da área.

E com relação ao seu conceito? O que exatamente são os livros didáticos? De que maneira os pesquisadores e estudiosos caracterizam este material didático? A seguir gostaria de mencionar e discutir alguns conceitos que selecionei tendo em mente tanto os pontos contra quanto os pontos a favor da existência dos livros didáticos no cenário educativo, com foco no ensino de língua estrangeira e sua relação com o professor.

Para Rosane Pessoa (2009), nas aulas de língua estrangeira, os livros didáticos são conceitualizados como o currículo, em outras palavras, eles contêm um programa e as habilidades que devem ser trabalhadas, além de servirem como fonte de conteúdo e procedimentos, inclusive apresentando manuais detalhando todos os passos que o professor deve seguir.

Ao pensarmos no livro didático como uma espécie de manual detalhado com praticamente todas as etapas necessárias para guiar o professor no decorrer da sua aula, podemos ver isso como um tipo de suporte que ajudará no início da carreira de um educador. Algo que o guiará até o momento em que talvez se sinta seguro o suficiente para agir “fora” do conteúdo presente no livro didático. O problema, algo bastante discutido principalmente nos dias de hoje, é que muitas vezes o professor fica tão dependente do uso do livro didático para preparar a sua disciplina que acaba por se limitar e, conseqüentemente, limitar o potencial que os seus próprios alunos poderiam alcançar caso não fossem restritos a aprender e estudar somente o conteúdo apresentado no livro didático.

Em contrapartida aos pensamentos de Pessoa, ao descrever o livro didático como um veículo de informações que não faz uma leitura apropriada ou integral da realidade ao compor uma visão fragmentada e alienante, Faria (2000 *apud* PESSOA, 2012) salienta que o docente deve ter capacidade de desenvolver os conteúdos com uma linguagem adequada às capacidades cognitivas e linguísticas dos alunos, não se esquecendo de estimular sua reflexão, seu pensamento crítico e sua criatividade.

É verdade que, como qualquer outro tipo de material didático, os livros didáticos apresentam as suas limitações, principalmente se levarmos em consideração a complexidade da sociedade em que vivemos, na qual talvez seja impossível retratar integralmente a realidade em uma quantidade limitada de páginas e nos temas/tópicos selecionados. Deve-se

ter em mente os próprios limites que o livro didático possui ao se tratar de um bem material (e comercial) destinado não apenas a uma específica classe de estudantes de uma determinada escola, mas sim a um público maior e mais amplo. O ideal seria que, apesar dessas limitações, o livro didático pudesse levar em consideração a cultura da língua trabalhada e também a cultura do aluno ao qual o livro se destina.

Dando enfoque para o seu papel cultural, Andréia Martins e Lilianne Magalhães (2014) descrevem os livros didáticos como objetos culturais complexos. As autoras acreditam que eles constituem um material que mantém o que elas chamam de “tradição escolar”, algo que faz parte do cotidiano escolar há mais de um século. Um objeto construído com o objetivo de ensinar determinado conteúdo, porém não se trata de algo de fácil definição. É necessário examiná-lo a partir de diversos pontos de vista, tais como, exemplificados pelas autoras: produção, circulação e consumo.

Ainda envolvendo a questão cultural presente no livro didático, Carlos Ludwig e Luzia Machado (2017) apresentam a crítica de Scheyerl (2012 *apud* LUDWIG; MACHADO, 2017) ao dizer que os livros didáticos são construídos de acordo com a cultura alvo, ao destacar a pronúncia nativa com o objetivo de se apoderar de uma nova identidade por parte dos alunos e que, nesta situação, os professores acabam de forma inconsciente assumindo o papel de manipuladores ideológicos das culturas estrangeiras.

Fazendo referência ao currículo escolar, Sabrina Borella e Daniela Schroeder (2013) salientam como o livro didático tem sido um instrumento/ferramenta de enorme relevância para o currículo escolar, visto como o elemento mais palpável e visível dentro de um plano de aula. As autoras acreditam que um livro didático pode ser avaliado a partir da observação de três importantes fatores: professor, alunos e atividades.

Outro ponto de vista, conceituado como um mediador na construção do conhecimento é trabalhado por Tílio (2008 *apud* POTOCKY; VILAÇA, 2012) e Menezes (2009 *apud* POTOCKY; VILAÇA, 2012) quando ambos afirmam que o livro didático é o principal material que professores têm à disposição no processo de ensino e aprendizagem, não se esquecendo de mencionar que muitas vezes este pode ser o único recurso utilizado se levar em consideração o contexto da realidade social onde o livro didático está sendo empregado.

Diferente dos autores abordados até o momento, Dionísio, Munakata e Razzini (2001) procuram avaliar o valor do livro didático na formação de professores ao nos lembrar como a escola é antes de tudo uma instituição que tem por objetivo ensinar a ler e escrever e por essa

razão o livro se trata de um objeto necessário, não na função de um mero acessório e sim de um dispositivo fundamental.

Sua concepção sobre o livro didático é exposta com a ajuda das palavras de Narodowski (2001 *apud* DIONÍSIO; MUNAKATA; RAZZINI, 2001) ao dizer que se trata de um texto que acaba por se legitimar, ganhar valor, durante a sua contribuição eficiente do processo de produção de conhecimentos escolares. Apesar de não possuir um estilo literário ou uma retórica singular, o autor acredita que o livro de texto didático gera uma estética de escrita própria.

Trazendo uma junção entre vários dos conceitos já expostos, Tilio (2010) observa o livro didático como um instrumento, uma ferramenta que facilita o processo de ensino e aprendizagem. Para ele, os livros didáticos de língua estrangeira são livros que retratam a cultura do outro e que o seu discurso pode influenciar fortemente na construção das identidades sociais dos alunos, graças ao papel autoritário que exercem no ensino.

Mencionado os conceitos, assim como pontos de vistas anteriores, tenho a preferência em pensar o livro didático mais como um mediador do conhecimento ao em vez de um manual ou ferramenta na qual o professor vai utilizar para planejar as suas aulas. Vejo este material como algo que ajudará tanto professores como alunos, mesmo com as suas limitações e, ao estar ciente dessas limitações, o professor deverá, junto com os seus estudantes, buscar outros materiais ou formas de aprender o conteúdo, além daqueles já presentes no livro didático.

Encerro o tópico teórico deste artigo citando um parágrafo do trabalho “O livro didático de língua estrangeira, História, avaliação e importância” de Lana Potocky e Márcio Vilaça (2012) onde ambos os autores esclarecem algumas vantagens do uso do livro didático.

Segundo Tilio (2008, p. 73), são muitas as vantagens do uso de livros didáticos. Entre elas, podemos dizer que eles podem promover uma visão organizada da disciplina, facilitar o trabalho do professor auxiliando o ensino e, dependendo de como for utilizado, influenciar na formação social do aluno. Assim, no caso das línguas estrangeiras, o livro didático não pode ser visto apenas como um portador ou guardião de conteúdos gramaticais, léxico e textos. Questões sociais e culturais também podem ser examinadas em livros didáticos. (POTOCKY; VILAÇA, 2012, p. 951).

DISCUSSÃO

Uma das críticas mais recorrentes sobre a utilização dos livros didáticos é a dependência ou até mesmo um apego cego, o qual os professores geram em torno desse material didático, o que conseqüentemente leva a uma crescente perda da sua própria autonomia, como já foi mencionado mais de uma vez anteriormente.

Em mais de uma ocasião, o livro didático é apontado como um dos maiores responsáveis pelo mau trabalho docente, assim como o seu uso é dado como um limitador da atuação do professor. Apesar dos válidos argumentos a favor desse pensamento, essa visão ainda carrega estereótipos sobre os usos do livro didático.

Grande parte dos professores brasileiros ainda vê o livro didático como algo semelhante a uma insubstituível muleta, pois acreditam que sem a adoção de tal material não existe forma de orientar a aprendizagem. De modo geral, nenhum tipo de dependência ou vício é julgado com bons olhos, afinal os próprios conceitos dessas palavras já dão uma ideia de prejuízo negativo e Pessoa (2009) argumenta que a intermediação desses livros na forma de sujeição acaba por se tornar um fator mais importante do que o diálogo pedagógico, o que aos olhos da autora é, ou deveria ser, a base da existência da escola.

Aos olhos de Tilio (2010), o livro didático de ensino de língua estrangeira passa a tomar o lugar do próprio programa ao invés de ajudar o docente na realização do programa pedagógico, o que conseqüentemente acaba por sobrepor vozes indispensáveis na construção do conhecimento em sala de aula, ou seja, a voz do professor e as dos seus alunos.

Levando essa crítica em consideração e a crença de que os docentes devem construir conhecimento sobre o ensino e aprendizagem, dentro dos modelos atuais de formação se aborda questionamentos sobre se realmente existe um lugar para o livro didático ou se o professor deveria passar a criar os seus próprios materiais.

Concordo com Pessoa (2009) quando ela astuciosamente comenta que até o pior livro pode se transformar em um bom material didático nas mãos de um bom professor, do mesmo jeito que o melhor livro perde suas qualidades na sala de aula de um mau professor. Em outras palavras, Pessoa quer mostrar que independentemente do livro ser considerado bom ou não, a presença do professor não é dispensável, pois é ele quem deve adaptar, modificar e complementar o livro didático em favor e de forma mais produtiva para as suas circunstâncias específicas de ensino.

Como um intelectual crítico e reflexivo, o professor sempre deve se lembrar de que ele

não está subordinado ao livro didático e por essa razão necessita ser capaz de construir o seu próprio material didático, sem se preocupar em desconstruir ou reconstruir livros didáticos. O livro nada mais é do que um auxílio e não deve ser utilizado ou visto como único recurso.

Uma crítica referente à imagem estilizada do próprio professor, como aquele que sempre é imaginado carregando um livro nas mãos, traz questionamentos negativos se o ensino, o livro e o conhecimento são realmente elementos inseparáveis, como representados a partir dessa imagem do educador. Dionísio, Munakata e Razzini (2001) deixam bem claro que não vêem essa imagem como algo estereotipado representando uma deficiência a ser reparada com um apoio (muleta) e sim como uma afirmação à distinção profissional do professor. Para os autores, o livro didático é destinado como uma ajuda na organização das práticas escolares, tanto para professores quanto para alunos.

Partilho da opinião de Dionísio, Munakata e Razzini (2001) ao criticarem que o uso do livro didático pelo professor está longe de significar que o educador não possui uma formação adequada e por essa razão se faz necessário utilizar um apoio/muleta. Complementando as ideias mostradas por Pessoa (2009), os autores também acreditam que não existe apenas uma forma de se ler um livro, principalmente se tratando de livros didáticos.

Para comprovar seu raciocínio, eles relatam no seu texto um caso de pesquisa realizada por Araújo (2001 *apud* DIONÍSIO, MUNAKATA; RAZZINI, 2001) sobre os diferentes usos de livro didático de História em escolas estaduais de Ensino Fundamental em São Paulo. Apresenta três casos: um professor que utiliza o livro didático apenas como fonte de ilustrações; um professor que o usa com o intuito de realizar exercícios de leitura e um professor que mistura trechos de distintos livros ao mesmo tempo.

Dionísio, Munakata e Razzini (2001) observam esses casos como um bom exemplo, no qual mostra a extrema criatividade que os docentes apresentam no manuseio dos livros didáticos, escolha na qual eles foram responsáveis desde o começo.

Outro ponto a ser destacado no texto de Dionísio, Munakata e Razzini (2001) é a forma que eles abordam questões tão simples como a importância dos livros no ensino e mostram em poucas palavras o quanto isso é relevante para a construção das nossas críticas e pensamentos ao se voltar para essa temática. Como por exemplo, quando eles nos dizem para não esquecermos que durante a nossa educação (ensino fundamental, médio, superior e até mesmo na pós-graduação) não é necessariamente restrito ao aprendizado do conteúdo de uma específica disciplina, como também procura desenvolver certas habilidades do estudante (ex:

leitura).

Em relação ao contexto presente dos livros didáticos de língua estrangeira, Tilio (2010) nos mostra duas críticas com relação ao seu conteúdo, especificamente a parte sobre contextos culturais, e a escolha ou preferência de determinados livros didáticos no Brasil.

Além de construir determinadas identidades sociais, para Tilio a seleção de contextos culturais apresentados em livros e atividades influencia a visão de mundo dos alunos, também os induzindo “a adotar determinadas identidades que podem parecer-lhes as certas, socialmente aceitas, e muitas vezes levando-os a reprimir suas verdadeiras identidades, que podem não lhes parecer legitimadas pelo livro” (2010, p. 170). Isso quer dizer que ao expor certos discursos preconceituosos, dentre outros fatores sociais, os livros didáticos podem reprimir a liberdade de construção de identidades dos alunos.

Com relação à escolha dos livros didáticos de língua estrangeira, Tilio (2010) constatou que há uma preferência em adotar livros de autores estrangeiros, pois existe um senso comum brasileiro de que o importado é melhor se comparado ao nacional, sem mencionar a crença que autores estrangeiros exercem maior autoridade e legitimidade para trabalhar com a língua estrangeira. Isso colabora na ausência da abordagem cultural relacionada ao contexto vivenciado pelo estudante em livros didáticos, o que ao ver do autor é um exemplo de preconceito que existe no Brasil sobre a adoção dos livros nacionais.

Da minha parte, com relação às experiências vivenciadas envolvendo a presença do livro didático, acho bastante difícil encontrar um momento durante o decorrer da minha educação onde não havia a presença constante desse material didático para cada disciplina, na qual me vi adquirindo novos conhecimentos ao longo dos anos. Isso não mudou quando entrei no ambiente do ensino superior e tendo em mente o meu papel como professora licenciada em Letras Japonês, meu primeiro contato com o uso do livro didático durante o meu estágio supervisionado, gostaria de relatar esta peculiar experiência que agora me faz refletir ainda mais sobre o papel desse material na formação docente no ensino de línguas estrangeiras.

De fato, sob orientação da professora que estava encarregada dessa disciplina de estágio supervisionado na época, minhas aulas seriam administradas durante todo o semestre com a ajuda de um livro didático de língua japonesa, selecionado por esta mesma professora. A maioria das aulas foi realizada com pouca ou nenhuma presença desse livro didático. Acredito que em sua maioria, apenas exercícios do livro em questão foram utilizados. Vários outros materiais didáticos (vídeos, exercícios, jogos interativos, textos e tabelas) acabaram

sendo apresentados para os alunos com o intuito de facilitar o conteúdo ou reforçar o aprendizado que eles já haviam adquirido.

Observando e analisando essa experiência agora após a leitura e reflexão sobre o papel do livro didático dentro da sala de aula, acredito que exista sim a possibilidade de ensinar sem a presença constante desse material didático, principalmente se o professor estiver apto a trazer outros tipos de materiais ou aberto às sugestões que os seus estudantes possam apresentar para enriquecer a aprendizagem do conteúdo. Como dito anteriormente, vejo o livro didático como um meio, um instrumento de ajuda e assistência para ambas as partes presentes durante o ensino e aprendizagem.

De modo geral, nota-se a partir da leitura e discussão de pesquisas referentes ao livro didático que existem basicamente duas linhas opostas, em que autores e pesquisadores dessa área conversam entre si suas posições com relação às vantagens e desvantagens do uso do livro didático dentro do cenário da educação. Marcelo Sousa Santos (2013) apresenta na sua dissertação de mestrado esses dois lados de forma bastante clara e coerente exemplificando as características dos dois grupos.

No time das vantagens, encontram-se aquelas que argumentam a favor do uso do Livro Didático (LD), [...] Por exemplo, Tomlinson (2001) diz que o LD é o veículo mais eficiente de apresentação do material para alunos, dando-lhes “[...] um senso de sistema, coesão e progresso” (RAMOS, 2009, p. 176). Também, o LD serve de elemento estruturador de um curso e coopera com sua continuidade. Quanto aos professores [...], o LD pode servir de meio de capacitação para professores, principalmente se acompanhado do livro do professor; [...] provê diferentes fontes de aprendizagem uma vez que os LDs de LE estão associados a outros materiais didáticos como CD-ROMs, livros de exercícios, vídeos, *web pages*, entre outros. (SANTOS, 2013, p. 25-26).

Santos trata sobre o time das desvantagens que se alinham com as críticas negativas já discutidas anteriormente ao tratar sobre as limitações do uso do livro didático, tais como: o fato do livro didático ser “reducionista e superficial do ponto de vista de não prover experiências diversas que contemplem as diversas necessidades dos alunos e professores” (SANTOS, 2013, p. 16); possuir caráter autoritário, além de uma linguagem fabricada para fins pedagógicos o que acaba de certa forma se distanciando daquela encontrada na realidade do dia a dia; divulgar uma visão de “mundo ideal” procurando evitar assuntos controversos; ser dotado de alto custo econômico e posicionar o docente como um simples reprodutor de

conhecimento.

Idealmente, o professor deveria ter a oportunidade e a liberdade de poder selecionar e escolher qual livro didático utilizará no decorrer das suas aulas, contudo este não é o caso dentro do cenário da educação no Brasil. Dionísio, Munakata e Razzini (2001) criticam a formação dos docentes ao nos lembrar de que geralmente o que existe no nosso contexto são “tentativas de doutrinação dos professores, pelas quais se procurará 'ensinar' como eles não sabem escolher livros e que por isso devem seguir as orientações dos avaliadores do PNLD [Plano Nacional do Livro Didático]” (2002, p. 93).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar o contexto, os conceitos e as críticas que envolvem os livros didáticos na formação de professores, especialmente na área de línguas estrangeiras, almejei ressaltar o papel que este material didático desenvolve dentro de sala de aula, apesar das suas limitações. Mais que uma ferramenta ou manual, os livros didáticos têm potencial de ser um material que irá ajudar tanto professores quanto alunos na sua jornada de aprendizagem.

Questionamentos sobre o uso ou a criação de materiais didáticos construídos pelo próprio docente continuam a existir nesta busca constante pelo aperfeiçoamento da educação de jovens e adultos, porém sempre deve ser levado em consideração o contexto e as dificuldades presentes em cada cenário de sala de aula. É fácil dizer que um professor deve ser capaz de criar o seu próprio material para as suas atividades, quando não se leva em conta as limitações existentes em certas instituições educacionais, referente às suas regras ou questões financeiras, que não permitem este tipo de liberdade.

Reconhece-se que este artigo apresenta limitações ao analisar o livro didático na perspectiva somente teórica sobre a formação de professores, contudo tenho certeza de que este trabalho será de grande valia aos interessados dessa área de estudo, especialmente ao trazer não apenas a minha visão sobre o tema como também a de vários outros intelectuais.

Mesmo que não tenha contemplado, nesta discussão, todos os pontos possíveis para análise, busquei apresentar questões e críticas para refletirmos e buscarmos novas perspectivas sobre este tema, de forma que possamos gerar ou construir novas discussões mais detalhadas e com mais dados a serem interpretados, as quais possibilitarão o enriquecimento da compreensão e do uso dos livros didáticos no ensino de língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marcus de Souza. O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 12, n. 3, p. 647-652, 2012.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BORELLA, Sabrina Gewehr; SCHROEDER, Daniela Norci. O livro didático de língua estrangeira: uma proposta de avaliação. **Entretextos: Revista da Pós-graduação em Letras**. Londrina, v. 13, n. 1, p. 231-256, 2013.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva; MUNAKATA, Kazumi; RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. **Livros didáticos de Português formam professores?** Brasília-DF: Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores, v. 1, n. MEC/SEF, 2001, p. 82-88. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1b.pdf>. Acesso em mar. 2022.
- LUDWIG, Carlos Roberto; MACHADO, Luzia Angélica Moreira. O “mundo plástico” dos materiais didáticos. **EntreLetras**, v. 8, n. 2, p. 127-149, 2017.
- MARTINS, Andréia; MAGALHÃES, Lillianne Sousa. Estudos Sobre Material Didático E Formação De Professores: Levantamentos Bibliográficos E Proposições De Pesquisa. **Revista Acadêmica Eletrônica Sumaré**, v. 1, p 1-11, 2014.
- PESSOA, Rosane Rocha. O livro didático na perspectiva da formação de professores. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 48, n. 1, p. 53-69, 2009.
- POTOCKY, Lana Cristina; VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. O livro didático de língua estrangeira, História, avaliação e importância. In: **Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro, Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2012. p. 950-958. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/084.pdf. Acesso em mar. 2022.
- SANTOS, Marcelo Sousa. A **construção de identidades no livro didático de língua estrangeira: uma perspectiva crítica**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Letras - Universidade de Brasília. Brasília, 2013. 239 f.
- TILIO, Rogério. A representação do mundo no livro didático de Inglês: uma abordagem sócio-discursiva. **the ESPECIALIST**, v. 31, n. 2, 2010.